



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA ARTE – ICA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

**MULHERES MORA(E)S UMA TRÍADE DA JUSTIÇA CEGA,
SURDA E MUDA: PERFORMANCE COMO (RE) CORTE DA
VIOLÊNCIA GERACIONAL CONTRA O FEMININO**

Márcia Fernanda de Moraes Falcão

Belém – Pará
2024



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA ARTE – ICA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

**MULHERES MORAE(I)S UMA TRÍADE DA JUSTIÇA CEGA,
SURDA E MUDA: PERFORMANCE COMO (RE) CORTE DA
VIOLÊNCIA GERACIONAL CONTRA O FEMININO**

Márcia Fernanda de Moraes Falcão

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Teatro do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará, como requisito básico para obtenção de título de licenciado em teatro.

Orientadora: Dra Ana Karine Jansen de Amorim

Belém – Pará
2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

F178m Falcão, Márcia Fernanda de Moraes

Mulheres morae(i)s uma tríade da justiça cega, surda e muda: performance como (re) corte da violência geracional contra o feminino / Márcia Fernanda de Moraes Falcão. 2024.

30 f.

Orientador: Prof. Dr. Ana Karine Jansen de Amorim.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura em Teatro, Belém, 2024.

1. Teatro. 2. Representação teatral. 3. Mulheres – Condições sociais. 4. Violência contra as mulheres. 5. Performance (Arte). 6. Título.

CDD - 23. ed. 341.55615

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA



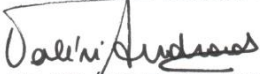
ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos trinta e um de outubro de dois mil e vinte e quatro, às dezoito horas, reuniu-se, na sala 04, na ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos docentes: Profa. Dra. ANA KARINE JANSEN DE AMORIM (Orientadora e Presidente), Profa. Dra. VALÉRIA FROTA ANDRADE (Examinadora) e Profa. Dra. LARISSA LATIF PLÁCIDO SARÉ (Examinadora), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna MÁRCIA FERNANDA FALCÃO, matrícula 201811240011, intitulado: "Mulheres Morae(i)s uma tríade da justiça cega, surda e muda: performance como (re)corte da violência geracional contra o feminino". Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi Aprovado com conceito Excelente, feitas as seguintes observações: conclusão festival e a ASNT e, após constar, foi lavrada a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pela presidente e pelos demais membros da banca examinadora.

Belém, 31 de outubro de 2024.


Profa. Dra. ANA KARINE JANSEN DE AMORIM
Orientadora e Presidente


Profa. Dra. VALÉRIA FROTA ANDRADE
Examinadora


Profa. Dra. LARISSA LATIF PLÁCIDO SARÉ
Examinadora

RESUMO

Este resumo apresenta um estudo performático acadêmico que envolve histórias reais de três mulheres da mesma família em gerações diferentes. Trato então de uma violência geracional. O interesse pela arte ligada à performance e em falar das mulheres invisibilizadas pela violência doméstica se desenvolveu e foi se concretizando ao longo dos estudos acadêmicos. Tal interesse teve início em umas das primeiras disciplinas do curso de licenciatura em teatro, através de disciplinas ligadas à arte performática até se transformar em um trabalho de conclusão de curso.

Na disciplina de performance tive a oportunidade de conhecer teóricos que trabalharam com conceitos performáticos entre eles Richard Schechner, autor que me deu embasamento teórico para outras pesquisas que viriam conseqüentemente sobre a mesma linha de pesquisa. Comecei a desenvolver minha pesquisa sobre a violência contra a mulher, fui buscando ainda mais outras mulheres que antecederiam minha geração e é sobre essa violência geracional onde incluo minha vó materna, minha mãe e eu, mulheres que foram violentadas fisicamente e psicologicamente por seus companheiros durante algum tempo, o que irei relatar e expor no meu trabalho de conclusão de curso utilizando-me de recursos e estudos performáticos.

O trabalho conta com um amplo estudo dentro da arte de performance e autores que me nortearão ao longo do processo escrito e atuante o trabalho de conclusão de curso, colocando em prática a vivência dessas três mulheres que foram violentadas por seus companheiros. Exploro essa manifestação artística como ferramenta para provocar reflexões, o trabalho consiste em conscientizar mulheres e homens sobre a violência contra as mulheres em seus diversos aspectos.

Palavras-chave: violência contra a mulher; violência geracional; trajetória de si; performance.

ABSTRACT

This summary presents an academic performance study that involves real stories of three women from the same family in different generations. I am dealing with generational violence. My interest in art linked to performance and in talking about women made invisible by domestic violence developed and became concrete throughout my academic studies. This interest began in one of the first subjects of my undergraduate degree in theater, through subjects linked to performance art until it became a final project.

In the performance course, I had the opportunity to meet theorists who worked with performance concepts, among them Richard Schechner, an author who gave me the theoretical basis for other research that would subsequently follow the same line of research. I began to develop my research on violence against women, and I sought out even more women who preceded my generation, and it is about this generational violence that I include my maternal grandmother, my mother and myself, women who were physically and psychologically abused by their partners for some time, which I will report and present in my final project using performance resources and studies. The work includes a broad study of performance art and authors who will guide me throughout the writing and acting process of the final course work, putting into practice the experiences of these three women who were raped by their partners. I explore this artistic manifestation as a tool to provoke reflections, the work consists of raising awareness among women and men about violence against women in its various aspects.

Keywords: violence against women; generational violence; self-trajectory; performance.

SUMÁRIO

1	DE UMA NECESSIDADE DA ARTE COMO CURA.....	0 7
1.1	A arte como cura.....	0 8
1.2	Comportamento restaurado.....	0 9
2	O TRAÇADO DA BUSCA HISTÓRICA.....	1 0
3	PROCESSO ARTÍSTICO/DESCRITIVO.....	1 1
3.1	Descrição performática.....	1 1
3.2	Histórias contadas na performance.....	1 2
3.2.1	Manda quem pode, obedece quem tem juízo “o superior hierárquico tem sempre razão”.....	1 2
3.2.2	Uma meliante precisa obedecer! (uma vagabunda precisa obedecer).....	1 2
3.2.3	Fazer bico é minha função (trabalho extra é minha função).....	1 3
3.2.4	Dar um “gsl” pra aprender! (dar uma surra pra aprender!).....	1 4
3.2.5	Nêga pirenta (mulher feia).....	1 5
3.2.6	Vou passar o sal quem namorar as minhas filhas (vou matar quem namorar minhas filhas).....	1 6
4	O DESPERTAR DE UM OLHAR ARTÍSTICO.....	1 7
5	EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NAS APRESENTAÇÕES PERFORMÁTICAS.....	1 8
.		8

6	REFERENCIAL TEÓRICO.....	2 1
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	2 4
	REFERÊNCIAS.....	2
	..	5
	ANEXOS DO FEEDBACK DA APRESENTAÇÃO PERFORMÁTICA NOS DOIS ESPAÇOS DE APRESENTAÇÃO: ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA (ETDUFPA) E NO NOSSO PÁTIO	2
	CULTURAL.....	6

1. DE UMA NECESSIDADE DA ARTE COMO CURA

Muito tem se discutido sobre a violência doméstica no Brasil atualmente. O cenário brasileiro tem se realizado muitas ações em prol da segurança da mulher vítima de todos os tipos de violência contra a mulher, nas violências patrimoniais, morais, físicas, entre outras.

Apesar de inúmeros casos que se tornaram crimes, que antecedem torturas e ameaças, o cenário brasileiro continua alarmante em relação a violência contra a mulher. Denúncias de pessoas próximas que cercam essas mulheres é o “início” para que a segurança das mesmas comece a ter resultados, mas lembremos que não se limita só a isso. Mulheres precisam ser as denunciadoras primárias dessas violências. É necessário que haja mais políticas públicas em relação a esse problema. Desde os núcleos educacionais aos meios de comunicação precisam informar mais sobre o assunto para que impeçam de chegar ao feminicídio.

Foi pensando nesse contexto da violência contra a mulher e com algumas situações que cercavam meu passado que os trabalhos acadêmicos dentro da universidade me fizeram refletir sobre o tema proposto pelo trabalho de conclusão de curso. “Visitar” meu passado diante de acontecimentos que me cercam até hoje como mulher, preta e pobre. Minha visão sobre essas mulheres que também faziam parte da minha vida durante anos que foram também fatores responsáveis por eu ser essa mulher que sou hoje. Sou a única dessas três gerações da família que concluiu o ensino superior em uma universidade pública, aliás tenho orgulho das duas graduações com êxito.

Sou da turma de 2018, tive que trancar o curso da por conta de uma viagem para fora do estado por um motivo também que me levou a usar a temática do trabalho, a fuga de uma relação marcada pela violência psicológica. Durante o curso passamos por uma transição de governo de direita e uma pandemia no ano de 2020 que nos obrigou a usar as plataformas digitais. Os professores tiveram que se adequar ao novo estilo de sala de aula sem nenhum preparo.

A disciplina de “performance” foi o que me levou a caminhar junto com esse trabalho para o meu tema de conclusão de curso. O tema de violência contra a mulher foi usado dentro da disciplina que no caso foi sobre a minha mãe me levou a apresentar um trabalho acadêmico fora da universidade, no evento da ABRACE¹ que no ano de

¹ ABRACE: Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas.

2023 teve seu encontro sedado na cidade onde moro, em Belém do Pará, na universidade federal do Pará. Após o evento enriquecedor indicado por professores convidados, comecei a conhecer autores e artigos que usei durante a graduação de licenciatura em teatro principalmente as que estavam relacionados a relação humana: mulheres, racismo e psicologia me levaram ainda mais a concluir que meu tema seria em volta desse assunto. Foi daí que comecei a investigação sobre tais assuntos até chegar a produção do artigo.

O processo de organização textual sobre performance foi investigado dentro dos autores, artigos e uma vasta pesquisa de campo que me forneceram a fundamentação teórica para entendermos todo o processo de produção.

1.1 A arte como cura

Segundo Schechner (2003), dispõe sobre 7 funções para a performance: o entreter; fazer alguma coisa que é bela; marcar ou mudar a identidade; fazer ou estimular uma comunidade; curar; ensinar, persuadir ou convencer; lidar com o sagrado e com o demoníaco.

Diante de tais funções da performance como cita o autor, há uma série de fatores que nos levam a nos questionar. Como isso pode acontecer? Como pode uma arte curar um indivíduo? Como explicar tal situação?

Os questionamentos sobre o tema acima são de fato curiosos; viver na arte e colocar suas dores no palco como ato de denúncia é sem dúvida um desafio ainda maior. A performance “mulheres morae(i)s, uma tríade da violência cega, surda e muda: um (re) corte da violência geracional contra o feminino”, nos diz muito sobre essa questão. Essa cura pode ser pensada como seus corpos, sua alma, uma transformação sobre o eu. As técnicas performáticas trazem em si uma potência vivida realizada. Uma linguagem teatral, na observação dos mais singelos movimentos que são trazidas e rebuscadas pela performer.

Segundo Schechner (2003), há diversas funções para a performance e entre elas há a cura e a performance acima tem essa função e que também entra nesse contexto do convencimento e persuasão.

Utilizamos a arte como cura, denuncia, como forma de repassar conhecimentos, como ato de coragem, até mesmo de silêncio a arte se pronuncia. A arte é uma linguagem com diversas funções entrelaçadas entre si com dosagens poéticas de cu

1.2. Comportamento restaurado

Os hábitos, rituais e rotinas da vida são comportamentos restaurados. Comportamentos restaurados são comportamentos vivos tratados como um cineasta trata um pedaço de filme. Esses pedaços de comportamento podem ser rearranjados ou reconstruídos, eles são independentes do sistema causal (pessoal, social, político, tecnológico...) que os levou a existir. Eles têm vida própria.”

Dentro do comportamento usei a apresentação performática onde posso exemplificar claramente sobre o atravessamento do comportamento restaurado que se instaura dentro de uma licença poética. Há uma significação de corporeidade que reverbera e afeta o espectador diante de cada história contada, há na performance elementos subjetivos que completam cada frase, que pode ser dentro de caminhar, de uma fala e até mesmo no estalar de um cinturão que também está atrelado a um aparato sensorial. Quando se observa sobre o caminhar, há diferenças no caminhar de uma senhora defumando o espaço, de um homem feroz violento e o caminhar leve de uma mulher livre e empoderada. Pressões físicas e tensões modificam esse caminhar, esse corpo, as dores na perda de um filho que o corpo modifica claramente.

Esses comportamentos foram recuperados e restaurados para demonstrar algumas situações dolorosas, dramáticas dentro desse contexto de violência doméstica, desde a física até a violência psicológica. Busco relações dramáticas e situações vividas e reais e tento recuperar essas situações com o opressor.

Através da arte da performance, busco também na essência real dessa violência como ato de diversos tipos de violências que muitas vezes são silenciadas dentro da sociedade marcada por um machismo e ciclos de violência doméstica para que haja uma quebra. O que mais enfatizo no ato performático é sem dúvida a denúncia como comunicação expressiva através da arte.

2. O TRAÇADO DA BUSCA HISTÓRICA

O grande desafio é mostrar, através da arte performática, o resultado de uma pesquisa sobre violência doméstica sofrida por três mulheres pertencentes à mesma família e tecer um olhar artístico demonstrando ao público as diversas situações vividas por essas mulheres durante o período em que foram vítimas de agressões por seus companheiros, por anos, sem que as mesmas pudessem recorrer a uma proteção, por meio de uma justiça específica. As mulheres às quais me refiro são: minha avó materna, minha mãe e eu. As duas primeiras foram vítimas da violência doméstica por policiais militares (seus companheiros na época), e se não bastassem as agressões, os agressores foram isentos de qualquer punição após praticarem tais violências desde as físicas até mesmo a patrimonial. No meu caso, fui vítima de vários tipos de violência psicológica. Assim, na performance serão mostrados os primeiros sinais de violência contra essas mulheres, sinais esses que vão desde pequenos insultos, que podem chegar à agressão física, quando não, assassinatos. Buscar fatos históricos familiares através dos filhos dessas mulheres violentadas e violadas na década de oitenta, quando pouco se falava sobre a violência contra a mulher. Além de fazer uma “costura” sobre essas histórias de vida para a ação performática, há também uma construção dentro das teorias e práticas performáticas de artistas que atuam na área da performance. Denunciar através da ação performática focando nos cinco tipos de violência que essas mulheres sofreram: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. Por fim, apresentar índices sobre a violência contra a mulher e o que a justiça do Estado do Pará tem feito, quais políticas públicas criadas para que esses crimes não sejam tão recorrentes e como o uso da tecnologia tem ajudado essas mulheres em sua proteção; e a lei Maria da Penha e os avanços que tem contribuído para a redução dos índices nos últimos meses no Estado.

3. PROCESSO ARTÍSTICO/DESCRITIVO

A presente pesquisa tem como intuito investigar estudos sobre performances feministas e denunciadores sobre a perspectiva da violência contra a mulher.

Realizando entrevistas com os filhos das vítimas e duas das delas que são citadas na performance com caráter qualitativo e quantitativo.

A pesquisa bibliográfica focará sobre os temas norteadores da investigação: A performance como ato de denúncia.

Alguns pontos importantes sobre a lei Maria da Penha² que são citados dentro da ação performática.

A forma escrita tem embasamento em autores/artista como ponto de partida para o desenvolvimento do trabalho acadêmico, após os estudos, há ainda um estudo performático sobre o método de que como realizar a apresentação de forma prática com a participação do público e suas respectivas avaliações diante da apresentação. O uso de assentos para homens e mulheres durante a apresentação diferenciados tem um propósito artístico para que haja o incômodo aos homens e cômodos as mulheres.

3.1 Descrição performática

O ambiente para recriar esse local de apropriação performática aconteceu numa sala fechada, com assentos diferenciados, contou com a participação do público de ambos os gêneros, com idade acima de 18 anos. Foi organizado em círculo para que a performer utilize o espaço.

O tempo de apresentação ocorre na média de trinta minutos.

Na performance há três tipos de figurinos usados em cena, inclusive uma troca no meio do público. Os objetos de cena são organizados no centro da apresentação em círculo, cada um com sua representatividade e de acordo com cada história contada.

O ambiente da luz no palco conta com uma luz sombria e meia luz. Alguns momentos da cena, há um silêncio em meio as histórias, músicas de fundo e um blackout.

² Lei Maria da Penha (lei nº11.340/2006) define a violência doméstica contra a mulher como crime e estabelece mecanismos para coibir e prevenir a agressão. A lei foi sancionada em 7 de agosto de 2006 e recebeu esse nome em homenagem à Maia Fernandes, que lutou para que seu agressor fosse condenado.

Há uma reflexão sobre a ação performática onde a performance que tem como temática a violência contra a mulher serve como um grito de resistência e alerta a cada uma delas. A Naturalização da violência nos dias atuais tem deixado marcas invisíveis em cada mulher que é representada na performance. Mostra os mais “simples” gestos e palavras que destroem o psicológico dessas mulheres.

A performance tem como intuito mais além de conscientizar esse público feminino; como forma de denúncia, empoderamento e uma melhora uma autoestima diante de tais situações, pois a performer relatou sobre a violência dentro da sua realidade vivida e isso traz uma realidade e encorajamento a essas mulheres.

3.2 Histórias contadas na performance

3.2.1 Manda quem pode, obedece quem tem juízo “o superior hierárquico tem sempre razão”

O “romance” meio que começou numa rede social, o cara parecia maduro, morava só e inteligente, aliás, era o que mais me chamava a atenção. Diante de tantos atributos era poeta, escritor. Talvez ali poderia me instalar como sua parceira. Foi pouco tempo de relação até que decidimos morar juntos. Ele então viria morar na minha casa e foi a partir daí que começou um transtorno atrás do outro. Desentendimentos, xingamentos, as conversas dele com garotas de programa estavam no seu computador e pude visualizar quando pedi emprestado para fazer um trabalho acadêmico. Foram seis meses de convívio juntos, morando na mesma casa.

No dia do seu aniversário, comprei um livro para presenteá-lo. Quis fazer uma surpresa colocando o livro no computador para que ao acordar pudesse vê-lo; ele agradeceu e em seguida olhou nos meus olhos e disse: “Você sabia que não podia dormir com essa camiseta? Essa camiseta o homem perde o tesão.” Eu fiquei sem palavras no momento. Achei que ele simplesmente fosse me elogiar, mas aquelas palavras acabaram comigo. Foi a partir daí que perdeu o interesse fui eu. Depois disso, ainda passamos dois meses juntos e decidi colocá-lo pra fora da minha casa.

3.2.2. Uma meliante precisa obedecer! (uma vagabunda precisa obedecer)

Foi em um site de relacionamento que o conheci. Um homem próximo da minha idade, trabalhador, morava com a mãe, tinha duas filhas de dois casamentos

diferentes. Seu contato com meus dois filhos foi bem receptivo e com pouco tempo estávamos vivendo uma paixão avassaladora. Resolvemos então morar juntos e com oito meses resolvemos nos casar.

No dia das mulheres desse mesmo ano, aquele homem que eu estava certa que era o homem da minha vida deu o primeiro sinal. Estava na casa de uma amiga nesse dia para buscar uma encomenda para a festa de casamento e quando cheguei em casa fui recebida por ele com ofensas. Pensei naquele momento em desistir de toda a aquela festa tão planejada, mas não quis, aliás já estava tudo preparado. Passaram os meses e comecei a perceber o seu comportamento em relação a mim. O “amor da minha vida” tinha uma filha de cinco anos na época e com isso fazia com que eu ficasse presa à educação da criança. Queria que eu tomasse conta da filha enquanto o mesmo saía e eu me sentindo cada vez mais presa por isso.

Se já não bastasse o fato de me deixar presa por esse motivo, me limitava em relação às minhas roupas. Me criticava todas as vezes que me via de short, indo pra academia. Um dia chegou a me chamar de vagabunda.

Entre esses e outros fatos, a relação foi se desgastando ao longo do tempo. A cada briga ele saía de casa e me fazia sempre sentir culpada pelos motivos que nos levaram a brigar. Já na sétima vez ao sair de casa eu não quis mais. Dei um ponto final em todo aquele sofrimento. Entrei numa depressão, adquiri síndrome do pânico e crises de ansiedade que até hoje me acompanham. Viajei e passei cinco meses fora do estado como forma de fuga. A intenção era não voltar mais. Eu nunca mais o vi, perdi contato com ele até hoje.

3.2.3 Fazer bico é minha função (trabalho extra é minha função)

Conheci um amor de adolescência aos quinze anos. Homem de família e que poderia me dar uma vida melhor do que eu vivia com meus pais. Sendo assediada pelos meus tios paternos frequentemente. Me entreguei a esse homem e engravidei aos quinze anos, logo na primeira transa. Fiquei desesperada ao saber da minha gravidez. Meus pais com vergonha do que tinha acontecido resolveram me mandar para o Rio de Janeiro onde passei minha gravidez toda até que meu filho nascesse. Meu filho nasceu e então retornei a Belém e comecei a viver com o pai do meu filho, eu com quinze anos e ele com dezessete. Meses depois vivi um dos piores anos da minha vida ao lado desse homem. Ele me privava de tudo, inclusive de trabalhar e estudar, e muitas

vezes me trancava literalmente na nossa casa. Já não me bastasse a violência física que era frequente, arrumava mulheres na rua para trazer doenças sexualmente transmissíveis. Uma de suas amantes bateu na porta de casa quando estava esperando meu terceiro filho e fui recebida a ponta pés e socos. No momento estava na ponte da minha casa, morávamos em palafitas e fui arremessada com um balde de água que levava na cabeça. Não lembrava de mais nada. Só acordei no hospital com meu pai do meu lado e a médica anunciando a perda do filho. Foi um dos piores momentos que já passei. Depois desse acontecido ainda passamos mais uns anos juntos e tivemos mais um filho. Não suportando mais todas aquelas humilhações e perseguições, saí de casa praticamente com a roupa do corpo e meus três filhos em baixo do braço. Sem direito a nada. Apenas recomeçar uma nova vida a partir dali.

3.2.4 Dar um “gsl” pra aprender! (dar uma surra pra aprender!)

Na minha adolescência conheci um homem que era um verdadeiro príncipe. Bonito, se vestia bem, branco, vindo de boa família. Era militar, mais especificamente da aeronáutica, na época. Começamos a namorar. Ele matava aula pra gente namorar, ainda no primário, me cercava de toda atenção. Mais tarde, ingressou na polícia militar do Estado na década de setenta, quando já estávamos vivendo juntos há pouco tempo. Dois adolescentes se redescobrimo.

Passaram-se os anos e toda aquela atenção foi me incomodando, me sufocando de uma certa maneira, pois já me proibia de fazer coisas simples do dia a dia.

Ao entrar na polícia, tudo piorou, seus ciúmes e sua doença por me manter em casa, longe até mesmo dos vizinhos ao redor. Na verdade, era pra me esconder e que eu não soubesse de nada do que fazia pelas ruas com outras mulheres.

As violências físicas eram cada vez maiores, todos os dias eram surras diferentes umas das outras. Ele me batia com tudo que ele tinha acesso. Um dia chegou do trabalho e me bateu com a sua bota do quartel. Sim! Uma bota!

Eu vivia a sair com meu rosto batido, marcas das agressões pelo corpo, sem contar as violências sexuais que me obrigava a fazer quando bem entendesse. Meus gritos de socorro eram internos. Não tinha para quem gritar e pra quem pedir socorro. Aliás, pedi socorro na delegacia e recebi a seguinte resposta do delegado e do meu pai (também militar): “Ruim com ele, pior sem ele!”

Até que um dia cansei de ser espancada e mantida em cárcere privado por anos da minha vida. Fui vítima também de violência patrimonial, pois não tive o direito sobre a minha casa onde vivi por anos com o violentador e pai dos meus filhos. Meu ex marido (o agressor) morreu vítima de câncer em 2021 e até hoje aguardo a justiça por uma indenização moral e patrimonial.

3.2.5 Nêga pirenta (mulher feia)

Objeto usado em cena: boneca preta

Próximo aos meus vinte anos, perto dos anos sessenta conheci um homem que parecia ser maravilhoso. Branco, forte, olhos claros, bem apresentável, mais estudado que eu e, que aos olhos da sociedade, tinha bem mais chances que eu.

Eu uma negra retinta, de estatura baixa, sem muitos estudos, cabelos afros, filha de escravos que veio do interior de Belém para tentar a vida na cidade.

Parecia que eu tinha me encantado com tudo isso, os holofotes da cidade grande e viver com um homem que poderia me colocar numa posição social melhor de onde eu estava e tinha chegado.

Com pouca experiência de trabalho e ainda iniciando a vida, fomos viver juntos. Ele conseguiu um serviço na polícia Militar do Estado e eu comecei a lavar roupas pra fora, para a elite da cidade, com o objetivo de ajudar nas despesas de casa. Minha rotina era incansável dia a dia lavando roupas, engomando e deixando trouxas e trouxas de roupas nas casas dos clientes no centro da cidade. Dentro de poucos anos tivemos vários filhos, e as filhas iam me ajudando nas entregas das roupas.

Os dias poderiam ser muito melhores se não fosse meu marido me ofender e usar de palavras racistas para me deixar ainda mais pra baixo, me ofendia e não media palavras para tais ofensas. Me chamava várias vezes de preta feia e dizia que eu não poderia sair daquele lugar de lavadeira e muitas vezes por esse motivo me pegava chorando e me questionava sobre o choro e a tristeza e dizia: “Porque estás chorando? Não te fiz nada. Para com essa frescura!” Era sempre assim, me ofendia e só muitas vezes não me agredia fisicamente porque sempre me defendi.

3.2.6 Vou passar o sal quem namorar as minhas filhas (vou matar quem namorar minhas filhas)

Sou mãe de cinco filhas, meu marido policial militar, tem um serviço árduo quase todos os dias, quando tem uma folguinha se encontra com amigos em prostíbulos de Belém para se divertir com as garotas de programas. Tudo muito comum nos anos sessenta. Enquanto isso, ficava em casa tomando conta dos nossos filhos, fazendo trabalhos domésticos e lavando roupas para fora. Quando nossas filhas começaram a ficar adolescentes meu marido tinha um ciúme exagerado com elas, nossas filhas, mal poderiam ter amigos homens tudo era motivo de brigas dentro de casa. Repudiava todo aquele comportamento dele em relação às nossas filhas, mas infelizmente não poderia ficar falando muitas vezes porque tudo era motivo de briga e então eu evitava. Meu marido usava do poder militar e do porte de armas para nos ameaçar sempre que havia uma discussão. O uso da arma de fogo era corriqueiro. Quando os namorados e amigos das minhas filhas apareciam na frente de casa, ele já bebido e usando de sua força policial pegava a arma de fogo para nos humilhar todas as vezes que algo parecido acontecia. Toda essa situação foi me cansando e então quando duas das minhas filhas já tinham saído de casa por esse motivo, tive medo de perder as outras que ainda restavam e pedi divórcio. Foi a melhor decisão que tomei depois de um pouco mais de vinte anos sofridos.

4. O DESPERTAR DE UM OLHAR ARTÍSTICO

A presente pesquisa se deu através da minha vivência com as mulheres da minha família e histórias que eram contadas por elas em encontros familiares, surgiu aí o interesse em trabalhar na área performática dentro da disciplina de performance e logo a seguir no trabalho de conclusão de curso. Após realizar a apresentação dentro da Escola de Teatro como avaliação final, a ação performática veio como aproximação e uma emergência em mexer ainda mais com essa temática sobre a violência contra a mulher. Após sessões dentro do espaço de acolhimento na Clínica do Sensível³ com a professora dra. professora Wlad Lima, que é artista-pesquisadora, diretora e cenógrafa de teatro, pude ainda aflorar uma necessidade pessoal diante desse trabalho. Pude viver experiências nas sessões de terapias, me aproximando ainda mais desse tema tão delicado e tão profundo que por anos se intitulava como uma simples história de família, por muitos familiares até engraçada, coisa que me incomodava demais como mulher. Ouvir em reuniões familiares sobre brigas que para muitos gerava gargalhadas, para os meus ouvidos eram como areias movediças que iam me puxando ainda mais para o fundo.

³ Clínica do sensível: Espaço clínico- artístico para o acompanhamento psicopoético de artistas, e não artistas, na fronteira das artes e da psiquê.

5. EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NAS APRESENTAÇÕES PERFORMÁTICAS

1º apresentação

Espaço feminista “Elzas”

A apresentação no espaço feminista Elzas, foi sem dúvida muito significativo pra mim de onde faço parte há dois anos. O grupo feminista tem o início de uma história desde o ano de 2022 e tem como principal intuito de promover a igualdade de gêneros, o empoderamento de mulheres fortalecendo sua autonomia e proporcionando recursos para enfrentar as opressões, proporcionando-lhes apoio emocional e prático, defendendo também seus direitos. Sua sede, localizado na cidade nova cinco, bairro do coqueiro, foi de início uma proposta do grupo em chamar alguma pauta sobre violência contra o feminino. Achei importante levar meu trabalho para esse espaço de luta contra todas as formas de abusos contra a mulher.

No dia da minha apresentação estava havendo uma reunião sobre pautas feministas e mulheres negras da região norte e a apresentação foi realizada no final da reunião. Estava ali presente os integrantes do grupo ativistas, em média 10 (dez) pessoas. A apresentação ocorreu por volta de 17:00h do dia vinte e cinco de maio no ano de 2024 num espaço reservado na residência da presidente do grupo, Salete Cunha.

A apresentação durou em média 15 a 20 minutos, tive que adaptar minha performance, pois o espaço era bem limitado. Não pude utilizar-me de todos os objetos de cena, pois no espaço havia somente um homem que por esse motivo também não pude realizar a separação dos gêneros.

No término da apresentação performática permiti que o público me desse o retorno e falassem sobre a apresentação e o que eles teriam compreendido. Tive uma avaliação positiva sobre a ação performática apresentada ali no espaço feminista. Algumas pessoas até se emocionaram quando a performance foi concluída.

De uma forma geral foi bem proveitosa a apresentação naquele espaço, onde me senti à vontade para realizar a performance, fugindo de um espaço educacional, uma visão de um outro público.

2º apresentação

Escola e teatro e dança da UFPA (ETDUFPA)

O segundo momento da apresentação foi na Escola de teatro e dança da UFPA no dia 27 de agosto de 2024 às 18:30 na sala 04, localizado no bairro do Umarizal. A apresentação teve uma duração maior devido a algumas mudanças na performance. Depois de dias tentando entrelaçar as histórias onde pudesse fazer um sentido para o público que estaria ali assistindo, entre eles os discentes do curso de licenciatura em teatro de 2021. Utilizei-me dos objetos de cena e áudios no início e fim da performance. O áudio inicial explicava sobre a sinopse da performance e sobre assentos de onde estivesse organizado de forma adequada (homens sentados na almofada e mulheres sentadas na cadeira. Além dos alunos da escola de teatro e dança, estavam também presentes algumas pessoas da minha família, amigos, alunos da instituição e um professor de teatro também da instituição. No fim da apresentação sugeri que as pessoas que assistiram deixassem suas impressões e as escrevessem no papel deixados na balança que fazia parte do meu figurino. As impressões sobre a performance eram livres. Depois lidas por mim após o término da apresentação foram as mais diversas possíveis. Declaro aqui as palavras mais usadas nos papéis deixados: “força, expressão, necessário, violência, mulher, coragem”. Após a performance tivemos um momento de conversa com os que estavam assistindo. Algumas perguntas e questionamentos sobre o trabalho. Alguns me questionou se as histórias contadas ali eram verídicas. Alguns muito sensibilizados com a apresentação.

3ª Apresentação

Nosso pátio cultural

Fui convidada pela então administradora do espaço cultural “Nosso pátio cultural” Cláudia Maués, discente também do curso de licenciatura em teatro para realizar a apresentação. Fui presenteada com o convite. A apresentação aconteceu no dia 31 de agosto de 2024 às 20hs localizada no conjunto maguari, rua: Belém,197, Coqueiro.

Antes da apresentação performática, houve uma outra e por esse motivo tivemos que fazer adaptação sem o uso das almofadas já que o público já estava sentado para assistir a anterior e tínhamos um pouco de dificuldade na reorganização do espaço.

Nesse dia da apresentação teve um público que sua grande maioria eram professores da rede pública que estavam ali presentes. Ao final da apresentação seguimos com a mesma das outras apresentações, o feedback, onde o público escrevia no papel e colocava na balança segurada pela performer seus olhares, suas conclusões sobre a apresentação, sem a obrigação de identificação.

Após o feedback escrito, houve também o oral, dentre os elogios após a performance, houve também questionamentos sobre a apresentação. Uma delas foi:

“A performer milita sobre a violência contra a mulher? Ou é somente mais uma personagem em cena?”

Um dos professores de teatro que estava ali presente apresentou uma crítica sobre a apresentação tecendo as seguintes palavras:

“eu não consegui me emocionar pois pra mim não houve teatralidade”

Após vir em seguida a pergunta da primeira pessoa, eu respondi que sim e que não há personagem em cena, há histórias de vida reais que eu tomei os corpos das pessoas reais na performance.

No segundo questionamento crítico do professor de teatro sobre a falta de emoção e empatia na minha apresentação. Eu me questionei por dias o porquê de não tocar um homem de teatro? O porquê da espera dele por uma teatralidade (qualidade de algo que é teatral ou que tem condições de ser representado em cena), e não uma busca por um sentido performático (é uma categoria inclusiva que abrange desde rituais até jogos e comportamentos do dia a dia). se no caso era disso que se tratava a apresentação.

Na maior parte do público que ali assistia a apresentação houve uma identificação com a temática da performance segundo seus feedback's orais e escritos foram positivos e segundos eles, extremamente necessário.

6. REFERENCIAL TEÓRICO

A partir das leituras e concepções sobre o termo e conceitos do que é performance e a temática do trabalho de conclusão de curso que se ligam ao extremo sobre o viés que os cercam, procurei debruçar-me primeiramente o que o autor Richard Schechner e seus tradutores vêm descrevendo ao longo do tempo. Artigos e obras que conceituavam sobre performance e que norteavam os conceitos sobre a violência contra a mulher também me serviram como base de estudos para o artigo. Inspiração para os processos investigativos sobre os conceitos acima para a formação do eventual performático foram formados ao longo da experiência vivida academicamente como os processos de encenação, trabalho de voz no palco e afinando cada vez mais todos com demasiados ensaios e finalmente resultados extraídos sobre a ação performática.

Quando o autor Richard Schechner enfatiza o ato da performance em diferentes contextos por tradução de Dandara. Ele conceitua da seguinte forma:

No contexto dos negócios, do esporte ou do sexo, dizer que alguém fez uma boa performance é afirmar que tal pessoa realizou aquela coisa conforme um alto padrão, que foi bem sucedida, que superou a si mesma e aos demais. Na arte, o performer é aquele que atua num show, num espetáculo de teatro, dança, música. Na vida cotidiana, performar é ser exibido ao extremo, sublinhando uma ação para aqueles que assistem. (Schechner, 2003)

Além de apresentar os conceitos sobre performance discorri sobre um artigo escrito que me deram base para alguns descritos do meu trabalho, um deles foi sobre o artigo intitulado de “coloque a máscara de oxigênio primeiro em você”, reflexões de uma defesa do curso de licenciatura em teatro de uma professora-artista sobre a experiência com um grupo de mulheres no ensino não formal escrito por Maria Guadalupe Casal de Porto Alegre, artigo publicado no ano de 2001 pelo departamento de artes dramáticas do Rio grande do sul sob a orientação da professora dra. Taís Ferreira. O descrito relata sobre processos pedagógicos por um viés feminino que elenca procedimentos da prática docente que sobre a performance traz uma visão de investigação sobre mulheres que vêm sendo oprimidas por um sistema patriarcal com recortes socioeconômicos, raça e sexualidade com compartilhamento de experiências e complexidades muitas vezes silenciadas por essas mulheres. A artista traz também relatos dessas mulheres sobre as impressões com relação ao LAB.

Foram a partir dessas leituras que me impulsionaram a buscar ainda mais outras obras, a partir de suas referências, citações e conceitos como de Bell Hooks que foi uma autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense. Gilberto Icle, ator, diretor e pesquisador na área de teatro e a pesquisadora norte americana Audre Lorde que me impulsionaram ainda mais.

Em um dos tópicos de Irmã outsider de Audre Lorde do tópico: “as ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande” fala sobre uma lésbica negra e feminista que foi convidada a falar numa conferência na Universidade de Nova York e se mostra impactada pelo convite já que no país há uma grande concentração de racismo, machismo e homofobia. Critica as mulheres ali presentes e questiona sobre a falta dessas mulheres de cor não estarem presentes e sim uma maioria branca. No tópico onde intitula como “idade, raça, classe: as mulheres redefinem a diferença” onde questiona sobre os opressores e sobre o “educar” homofóbicos, os heteros e que mulheres eduquem os homens de alguma forma e que num dado momento a superioridade inerente um sobre o outro. Fala ainda sobre as imposições de mulheres onde relata que o único poder social disponível para elas é a maternidade principalmente as mulheres negras. (Borges, 2019)

Mas as mulheres negras e seus filhos sabem que o tecido de nossas vidas é costurado com violência e ódio, e por isso não há descanso. Não lidamos isso apenas nas manifestações, ou nos becos escuros à meia noite, nos lugares onde ousamos verbalizar nossa resistência. Para nós, cada vez mais, a violência se entrelaça no tecido diário de nossas vidas- no supermercado, na sala de aula, no elevador, no consultório médico e no pátio da escola, vem do encanador, do padeiro, da vendedora, do motorista do ônibus, do caixa do banco, da garçonete que não nos serve. (Borges, 2019)

No relato acima da obra citada, me lembro como diversas vezes presenciei momentos de racismo sobre essas duas mulheres que antecedem minha geração onde são meu tema principal nesse trabalho. Lembro que muitas vezes, minha avó foi vítima de um racismo por ser retinta, empregada doméstica e semi analfabeta. Mãe de nove filhos e que visivelmente não tinha nem sequer domínio sobre seu corpo, por essa questão teve então nove filhos ao longo dos poucos mais de vinte anos de casada. Assim como minha mãe que também viveu por um pouco mais de dez anos com seu companheiro (meu pai) e teve quatro gravidez por tão curto período de tempo. Duas mulheres marcadas pela falta de estrutura familiar e conseqüentemente vítimas de diversos tipos de violência. No meu caso houve a violência psicológica e moral com

meus companheiros, dois deles foram denunciados na lei Maria da Penha e foram afastados do convívio familiar e a permanecer sem contato algum com a vítima (eu), a denunciante.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de conclusão de curso intitulado, traz um histórico de interesse por essa linha de pesquisa desde o início do curso de licenciatura em teatro iniciado no ano de 2018 na universidade federal do Pará.

Inicialmente teve um interesse por falar dessas mulheres invisibilizadas num período em que pouco se falava sobre os direitos das mulheres, período esse que aconteceu na década de oitenta. As mulheres por quem tive interesse de pesquisar sobre suas vidas foram minhas gerações passadas, minha avó materna e minha mãe e conseqüentemente eu que também passei por diversos tipos de violência psicológica. Uma parte curiosa vem todo esse trabalho escrito/performativo é que essas mulheres foram vítimas de seus próprios companheiros, as duas que me antecederam sofreram ainda mais com essa violência, pois no período em que passaram por tais situações não havia ainda a lei Maria da penha que hoje favorece e protege essas mulheres vítimas dessas violências.

As reflexões sobre a violência contra a mulher, a temática por mim usada no processo de estudos e investigações sobre tais questões, me trouxe sem dúvida uma conexão com o passado intimamente ligadas a essas mulheres que possuem o mesmo sobrenome e que estão ligadas a mesma família, uma linha de histórico de violência que mostra claramente os opressores e as oprimidas dentro do contexto performático, se fala muito sobre a importância de uma denúncia anônima, sobre os primeiros sinais de abusadores e a questão do contexto social familiar.

Pretendo ainda estender-me sobre essa pesquisa escrita/performativa sobre a violência contra as mulheres em outros trabalhos acadêmicos futuros. Pretendo buscar histórias de mulheres dessa mesma família que também foram abusadas e violentadas por seus companheiros, pois no decorrer das minhas investigações percebi que haviam histórias que poderiam ser contados de um ponto mais pessoal e que podem ser desenvolvidas ao longo do tempo dentro dos interesses acadêmicos.

Agradeço aos que fizeram parte desse trabalho e todos que contribuíram ao desenvolvimento da pesquisa, especialmente a minha orientadora dra: Karine Jansen, a clínica do sensível com a dra:Wlad Lima, a minha mãe Lenise Paixão de Moraes, minha avó Valdomira Paixão de Moraes (in memoriam) que deixou sua história em cada uma das mulheres da família Moraes, uma história de luta e resiliência.

REFERÊNCIAS:

AGÊNCIA PARÁ. **Notícias**. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia>. Acesso em: out. 2024.

BORGES, Stephanie. **Audre Lorde irmã outsider: Ensaios e conferências**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BORGES, Stephanie. **Bell Hook Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

CARLSON, Marvin. **Performance: uma introdução crítica**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

CASAL, Maria **Coloque a máscara de oxigênio primeiro em você!** reflexões de uma professora-artista sobre a experiência com um grupo de mulheres no ensino não formal. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) – Departamento de Arte Dramática, Instituto de Artes, UFRGS, 2021.

CIPOLLA, Marcelo. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2013.

CORRÊA, Marisa. **Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal**. Campinas : Ed. IFCH/Unicamp, 2001.

ICLE, Gilberto. **Pedagogia teatral como cuidado de si: Problematizações na companhia de Foucaut e Stanslaski**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2014

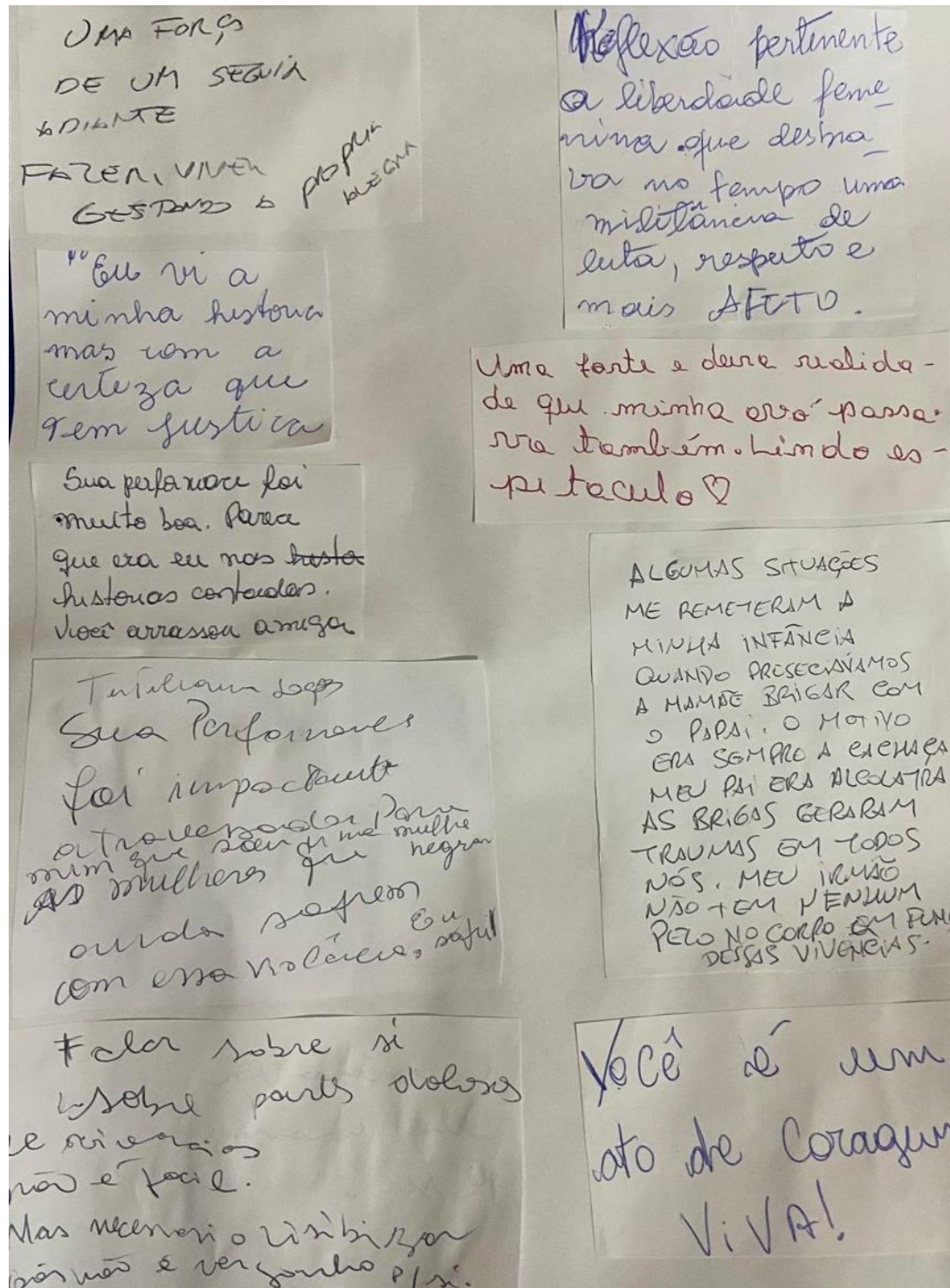
MIRANDA, M. B. de. Colcha de memórias: Epistemologias feministas nos estudos das artes da cena. **Revista Urdimento**, Florianópolis, 2018

MOTTA, Tatiana; MITRICARDI, Luciano. Um estudo sobre performer: trabalho sobre si na arte como veículo de Jerzy Grotowski. **João Pessoa**, v. 11, n. 1, jan-jun., 2020.

PARÁ. Ministério Público do Estado do Pará. Disponível em: <https://www2.mppa.mp.br/> Acesso em: out. 2024.

SCHECHNER, Richard. O que é performance? Tradução: Dandara. **Revista de Teatro, Crítica e Estética**, ano 2, n.12, 2003. ISSN OL04-76712003.

ANEXOS DO FEEDBACK DA APRESENTAÇÃO PERFORMÁTICA NOS DOIS ESPAÇOS DE APRESENTAÇÃO: ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA (ETDUFPA) E NO NOSSO PÁTIO CULTURAL:



credito ter sido libertadora
apesar de dolorosa.
Maravilha, pude sentir
um misto de emoções

Espetacular!
extremamente necessário.
Foi de arrepiar ♡

DOE

APRESENTAÇÃO PERFEITA
Símbolo de LOTA

MUITO DIFÍCIL VER AS
CENAS NUMA PERFORMANCE
DIFÍCIL É O QUE FOI VIVIDO

Aflicção

obrigado POR MOSTRAR

Performance de
extrema importância!
mas faz refletir e
questionar a sociedade
que na qual
vivemos!

REALISTA E MUITO SENSÍVEL

Muito interessante, me atravessou diversas
sentimentos e sensações ao ponto de
em um determinado momento querer
chorar. Parabéns!!!

Estou sob o
impacto dos
depoimentos.
A realidade
se impõe a
arte
Karine

☺ performance não me impactou
com todo o potencial que esta
tem em relação aos muitos
erros gramaticais no texto oralizado

FATOS QUE AINDA
SÃO REAIS E CONSTANTES, ...

UMA ÓTIMA PERFORMANCE!

Ficou foda caralho!!!
Muu Parabéns.
Continue o projeto...
NO MESTRADO
INCENTIVANDO
obras mulheres

Performance com tema muito
significante e forte, que deve
sempre ser pauta. Muito bom
de assistir e que gera muitos
sentimentos.

Marcante, expressivo e tocante.

Sou
 Suspeito
 do
 personagem
 tão perfeito
 pois sou
 eu a
 Mãe da
 Performance

Excelente (triste)
 história.
 Atuação impecável.
 cenário perfeito.

Você é minha inspi
 ração pra tudo, te amo
 infinitamente.

Italo Galvão

A figura feminina da performer
 representando os agressores homens
 foi genial. As vítimas estavam
 inseridas nas narrativas.

Praxiana
 Achei, envolvente,
 forte, crítico e metapo
 rico, utilizei os
 objetos cênicos que
 cada um tinha
 sua história.

Pelo fim da
Violência contra
mulher e todas
as formas de violência

Boa aproximação
O que foi apresentado
é o reflexo da vivência
de muitas mulheres.

ARTE
SAZIVA
PARA BÉSI

- CONSTRUÇÃO ASSERTIVA
sobre a violência e o
Machismo que tanto
traumas e horrores trazem
às mulheres e à sociedade.
BASTA!!!

Real e
infelizmente
atual

mulheres
parto
mulheres
porta
mulheres
porto
Zumb

Engajamento
é a nossa realidade,
que bem
que estamos

Importante
a denúncia
sem ser
tema.

fazendo x

Parabéns

Boa performance

ótima
apresentação:
Bela
refl.

* Muito bom
 * ABRDAGEM
 DO TEMA
 DA REALIDADE
 * INFELIZMENTE
 UMA REALIDADE
 TRISTE



Achei interessante
 o tema abordado
 e a performance
 da Fernanda.
 Parabéns
 Ótima apresen-
 tação!

Performance Roberta que demonstra
 luta de ~~de~~ várias mulheres!

A arte salva! Paraben
 pela performance!
 Ela é necessária p/ combater
 a violência contra a mulher!
 Sinto-se abraçada!
 A violência contra a mulher
 não é o mundo que a gente quer!

Muito tocante. Peça bem elaborada!
 É muito doce e importante.

Belíssima apresenta-
 ção representativa
 do Desabafo. Foi ~~o~~
 FODA

A resistência
 e Resiliência
 é fundamental
 para salvar vidas
 e trazer liberdade
 de a outras
 que vivem